

# Domingo XIX do Tempo Comum - Ano C – 10 agosto 2025



## Viver a Palavra

Jesus tomou a firme decisão de subir para Jerusalém (Lc 9,51) e prossegue o seu caminho, apontando as coordenadas fundamentais da nossa existência cristã. Ao contrário dos mestres de Israel que ensinam sentados e acomodados, Jesus é o Mestre que ensina no caminho. Peregrino pelos trilhos da vida e da história, Jesus continua a cruzar a Sua vida com a nossa vida e a fazer dos nossos caminhos lugares de encontro com Deus e com os irmãos. O caminho é a metáfora por excelência da vida cristã. Somos homens e mulheres a caminho com os olhos fixos na meta: a Jerusalém celeste, a comunhão plena e perfeita com o Pai. Se para quem não sabe para onde vai, qualquer caminho serve, para nós, que sabemos a meta para a qual o Pai nos chama, não podemos abraçar qualquer caminho ou atalho. Não podemos viver de improviso, nem ao sabor de qualquer vento ou maré. Queremos estar vigilantes e despertos, *«porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará o vosso coração»*.

Na verdade, esta é a primeira pergunta que cada um de nós deve fazer a si próprio: onde está o meu coração? O que é que ocupa o centro da minha vida e se constitui como o tesouro mais precioso onde invisto as minhas forças e capacidades?

Diante do ritmo quotidiano, no frenesim dos nossos dias, é fácil dispersar e apontar em tantas direções. São tantas as fadigas e receios que invadem o nosso coração e que distraem a nossa vida do verdadeiramente essencial que unifica a vida e lhe oferece um horizonte de realização e felicidade que está para lá da fruição imediatista. Por isso, queremos acolher o tesouro inesgotável que nos oferece a felicidade que se inscreve nesse horizonte de realização e felicidade que só Jesus e o Seu amor nos podem oferecer e garantir.

*«Não temas, pequenino rebanho, porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o reino»*. Não tememos as dificuldades e desafios porque caminhamos como filhos muito amados de Deus a quem é oferecido o Reino. Não somos os mais fortes, mas somos filhos do Deus da força e esta consciência faz-nos percorrer a nossa vida com uma renovada esperança e uma revigorada confiança. A fé que dissipa os nossos medos e nos permite avançar, mesmo no meio de inseguranças e fragilidades, é, efetivamente, *«garantia dos bens que se esperam e a certeza das realidades que não se veem»*. Acreditar nas realidades que se veem é render-se à evidência dos dias, mas esperar e confiar como Abraão é depositar toda a esperança, não no caminho a percorrer ou no lugar geográfico para onde se caminha, mas na mão que sustenta a nossa caminhada e aponta o nosso peregrinar.

A fé rasga novos horizontes e permite-nos vislumbrar no aqui e agora do tempo e da história a realização das promessas que Deus fez a nossos pais. Pela fé, os impossíveis da nossa vida tornam-se possíveis, porque é Deus quem conduz a história. Cabe-nos estar despertos e vigilantes para que possamos viver de olhos e coração abertos sobre a humanidade.

É esta a verdadeira sabedoria: acolher a vontade de Deus e encontrar no querer do Pai o nosso querer, para que a nossa vida encontre o caminho da verdadeira felicidade. Em Jesus Cristo, Deus revela-se como o Senhor que se faz servo e que encontrando espaço na nossa vida desperta e vigilante, senta-nos à mesa, passa diante de nós e ensina-nos a arte de nos tornarmos grandes fazendo-nos servos de todos. A alegria do serviço por amor rasga caminhos novos de felicidade e faz da Igreja sinal profético da bondade, da ternura e da misericórdia. O muito depositado em nossas mãos reclama uma vida consentânea com a fé, para que se torne um lugar de fecundidade que difunde ao longe e ao largo a suave fragrância do Evangelho. **in Voz Portuguesa**

+++++

Neste tempo estival onde tantos iniciaram ou vão iniciar as suas férias, a Liturgia deste Domingo pode ser a oportunidade para exortar a um tempo de repouso com a marca da vida cristã: viver atentos e vigilantes,



fogo iluminou a caminhada do Povo de Deus para a liberdade (cf. Sb 17,1-18,4); os primogênitos dos egípcios foram mortos, mas Deus salvou a vida do seu Povo (cf. Sb 18,5-25). *in Dehonianos*

## INTERPELAÇÕES

- A reflexão que a sabedoria de Israel nos propõe nesta leitura coloca-nos, talvez de uma forma algo arcaica, diante de uma questão bem atual: num mundo que gira a uma velocidade estonteante e onde a cada instante surgem novas modas, novas teorias, novos valores, novas propostas de realização e de felicidade, que papel tem e que lugar ocupa Deus nas nossas vidas? O homem do séc. XXI sente alguma relutância em incluir a transcendência no seu cenário de vida. Vive indiferente a Deus e olha para as propostas de Deus como algo que não cabe numa compreensão moderna da existência. Substitui Deus por “deuses” efêmeros, define como meta da sua vida objetivos fúteis e contenta-se com ilusões de felicidade. Corre atrás de bens materiais que lhe asseguram bem-estar material e que lhe dão uma sensação de segurança, mas sente a cada momento uma sede de vida e de realização que não consegue saciar. Como construir uma vida que valha a pena? O “sábio” que escutamos na primeira leitura deste décimo nono domingo comum, garante-nos que só Deus pode encher de significado a nossa existência e oferecer-nos a salvação que ansiosamente procuramos. Que sentido faz isto para nós? Deus tem um lugar primordial na nossa vida? Vemos as propostas de Deus como indicações imprescindíveis para chegarmos à vida eterna?
- Os escravos hebreus que foram salvos por Deus da escravidão do Egito, sentiram que essa experiência foi o marco fundamental das suas vidas. Passaram a identificar-se como o “Povo eleito” de Deus. Sentiram que tinham de viver em comunhão com esse Deus e de caminhar sempre de acordo com as suas indicações. Por outro lado, essa experiência cimentou os laços que os uniam entre eles. Tornaram-se “irmãos”, membros de uma mesma família, uma comunidade solidária e cordial onde cada um se sentia responsável pelo seu “irmão”. Hoje, esta comunidade salva por Deus e que se identifica como “Povo de Deus”, chama-se “Igreja”. Todos nós que fomos batizados em Cristo, passamos a integrar esta família. Como o povo salvo da escravidão do Egito, também nós nos sentimos “Povo de Deus”, procuramos viver em comunhão com Deus, construímos a nossa história de vida à volta de Deus, deixamo-nos conduzir por Deus? Nós que partilhamos a experiência de ter sido salvos por Deus, sentimo-nos membros de uma comunidade de “irmãos”? A forma como nos relacionamos uns com os outros, constitui um “Evangelho vivo” que dá testemunho da misericórdia e do amor de Deus?
- Na ceia ritual da Páscoa, os israelitas faziam memória da libertação da escravidão do Egito. O “sábio” vê no sacrifício do cordeiro pascal, comido durante a ceia, e na recitação dos salmos tradicionais (o “Hallel” – Sl 113-118), uma forma de agradecer a Deus pela sua intervenção libertadora em favor do seu Povo. Também nós, novo Povo de Deus, nos reunimos à volta de uma mesa, no “dia do Senhor”, com Jesus (o “cordeiro”) no meio de nós, rezamos, agradecemos e celebramos a nossa libertação. A participação na eucaristia faz parte da nossa vida e da nossa experiência de fé? Sentimos que a eucaristia constrói a comunidade dos que foram “salvos” por Deus e fortalece os laços que nos unem a todos os membros da comunidade? Lembramo-nos de agradecer a Deus por tudo o que Ele faz por nós, pela libertação que nos oferece, pela vida que nos dá? *in Dehonianos*.

## SALMO RESPONSORIAL – Salmo 32 (33)

**Refrão: Feliz o povo que o Senhor escolheu para sua herança.**

Justos, aclamai o Senhor,  
os corações retos devem louvá-I'O.  
Feliz a nação que tem o Senhor por seu Deus,  
o povo que Ele escolheu para sua herança.  
Os olhos do Senhor estão voltados para os que O temem,  
para os que esperam na sua bondade,  
para libertar da morte as suas almas  
e os alimentar no tempo da fome.  
A nossa alma espera o Senhor,  
Ele é o nosso amparo e protetor.  
Venha sobre nós a vossa bondade,  
porque em Vós esperamos, Senhor.

## LEITURA II – Hebreus 11,1-2.8-19

Irmãos:

A fé é a garantia dos bens que se esperam

e a certeza das realidades que não se veem.  
Ela valeu aos antigos um bom testemunho.  
Pela fé, Abraão obedeceu ao chamamento  
e partiu para uma terra que viria a receber como herança;  
e partiu sem saber para onde ia.  
Pela fé, morou como estrangeiro na terra prometida,  
habitando em tendas, com Isaac e Jacob,  
herdeiros, como ele, da mesma promessa,  
porque esperava a cidade de sólidos fundamentos,  
cujo arquiteto e construtor é Deus.  
Pela fé, também Sara recebeu o poder de ser mãe  
já depois de passada a idade,  
porque acreditou na fidelidade d'Aquele que Iho prometeu.  
É por isso também que de um só homem  
– um homem que a morte já espreitava –  
nasceram descendentes tão numerosos como as estrelas do céu  
e como a areia que há na praia do mar.  
Todos eles morreram na fé,  
sem terem obtido a realização das promessas.  
Mas vendo-as e saudando-as de longe,  
confessaram que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra.  
Aqueles que assim falam  
mostram claramente que procuram uma pátria.  
Se pensassem na pátria de onde tinham saído,  
teriam tempo de voltar para lá.  
Mas eles aspiravam a uma pátria melhor,  
que era a pátria celeste.  
E como Deus lhes tinha preparado uma cidade,  
não Se envergonha de Se chamar seu Deus.  
Pela fé, Abraão, submetido à prova,  
ofereceu o seu filho único Isaac,  
que era o depositário das promessas,  
como lhe tinha sido dito:  
«Por Isaac será assegurada a tua descendência».  
Ele considerava que Deus pode ressuscitar os mortos;  
por isso, numa espécie de prefiguração,  
ele recuperou o seu filho.

## **CONTEXTO**

O escrito a que chamamos “Carta aos Hebreus” parece ser, mais do que uma carta, um sermão ou discurso destinado a ser proclamado oralmente. Não sabemos quem foi o seu autor. A tradição das Igrejas do oriente atribui-o a Paulo; mas as Igrejas do ocidente há muito que descartaram a autoria paulina deste documento: a forma literária, a linguagem, o estilo, a maneira de citar o Antigo Testamento e mesmo a doutrina exposta, estão bastante longe de qualquer outro escrito paulino. Pensa-se que teria sido elaborado por um cristão anónimo, talvez um discípulo de Paulo.

A tradição antiga põe os “hebreus” como destinatários deste escrito; porém, não há qualquer indicação, ao longo do escrito, de que o texto se destinasse especificamente a cristãos oriundos do mundo judaico. É verdade que refere constantemente o Antigo Testamento; mas o Antigo Testamento já era, por essa altura, património comum de todos os cristãos, seja os de origem judaica, seja os de origem pagã. Tratava-se, em qualquer caso, de comunidades cristãs em situação difícil, expostas a perseguições e que viviam num ambiente hostil à fé... Os membros dessas comunidades tinham perdido o fervor inicial pelo Evangelho, estavam desanimados e começavam a ceder à sedução de certas doutrinas não muito coerentes com a fé recebida dos apóstolos... O objetivo do autor deste “discurso” é estimular a vivência do compromisso cristão e levar os crentes a crescer na fé. A Carta aos Hebreus foi provavelmente escrita nos anos que antecederam a destruição da cidade de Jerusalém (que ocorreu no ano 70), uma vez que o autor se refere à liturgia do Templo como uma realidade ainda atual. É provável, portanto, que tenha aparecido por volta do ano 67, muito perto da altura em que Paulo e Pedro foram martirizados em Roma.

A Carta aos Hebreus apresenta – recorrendo à linguagem da teologia judaica – o mistério de Cristo, o sacerdote por excelência – através de quem os homens têm acesso livre a Deus e são inseridos na comunhão real e definitiva com Deus. O autor aproveita, na sequência, para refletir nas implicações desse facto: postos em

relação com o Pai por Cristo/sacerdote, os crentes são inseridos nesse Povo sacerdotal que é a comunidade cristã e devem fazer da sua vida um contínuo sacrifício de louvor, de entrega e de amor. Desta forma, o autor oferece aos cristãos um aprofundamento e uma ampliação da fé primitiva, capaz de revitalizar a sua experiência de fé, enfraquecida pela acomodação e pela perseguição.

O texto que nos é proposto está incluído na quarta parte da epístola (cf. Heb 11,1-12,13). Nessa parte, o autor insiste em dois aspetos básicos da vida cristã: a fé e a constância ou perseverança. No que diz respeito à fé, o autor convida a olhar para o testemunho dos “antigos” (cf. Heb 11,1-40); no que diz respeito à constância, exorta a aceitar com paciência os sofrimentos que a vida do cristão comporta, pois, esses sofrimentos fazem parte das provas pedagógicas através das quais Deus nos faz chegar à perfeição (cf. Heb 12,1-13). *in Dehonianos*.

## **INTERPELAÇÕES**

- No caminho da nossa vida, fazemos a cada instante uma experiência de precariedade, de debilidade, de incerteza. Confiamos nas pessoas e as pessoas desiludem-nos; apoiamo-nos nas instituições e as instituições defraudam as nossas expectativas; sentimo-nos seguros pela abundância dos bens materiais e eles fogem-nos como areia por entre as mãos; acreditamos em verdades que rapidamente ficam fora de prazo de validade; sentimo-nos cheios de vida e de saúde e, de um instante para o outro, experimentamos a doença ou temos de enfrentar a morte... Haverá na nossa vida alguma realidade fiável, que não nos desiluda e sobre a qual possamos construir uma vida com sentido? Abraão e Sara confiaram incondicionalmente em Deus. Arriscaram tudo para correr atrás das indicações de Deus. Deus pareceu-lhes sempre “fiável”, mesmo quando as suas promessas pareciam “improváveis”. Para nós, Deus é fiável? Estamos dispostos a “pormo-nos a caminho” para seguir as indicações de Deus, mesmo que isso signifique abandonar a nossa zona de conforto, enfrentar a incomodidade dos caminhos ou a hostilidade dos homens?
- Quando decidimos que Deus é fiável, passamos a caminhar de olhos postos em realidades que ultrapassam a nossa debilidade, a nossa finitude, e até mesmo a nossa compreensão. O nosso olhar dirige-se para os bens futuros, para a vida eterna, para o encontro com Deus. Compreendemos, sem dramas nem angústias, que o tempo que vivemos na terra é um tempo de passagem a caminho da nossa pátria definitiva. Isso dá-nos uma outra perspectiva das coisas. Ajuda-nos a relativizar os bens materiais, a repensar as nossas apostas, a rever os nossos valores, a refazer o nosso olhar sobre as coisas, a ter uma outra perspectiva dos nossos êxitos e dos nossos fracassos, talvez até a aproveitar de uma forma diferente a nossa existência terrena. Temos consciência de que a vida verdadeira, a vida eterna, não é aqui? Que consequências é que isso tem na forma como vivemos? A consciência de que caminhamos ao encontro da pátria celeste é para nós motivo de angústia e medo, ou de alegria e paz? *in Dehonianos*

## **EVANGELHO – Lucas 12,32-48**

**Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos:**

**«Não temas, pequenino rebanho,**

**porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o reino.**

**Vendei o que possuíis e dai-o em esmola.**

**Fazei bolsas que não envelheçam,**

**um tesouro inesgotável nos Céus,**

**onde o ladrão não chega nem a traça rói.**

**Porque onde estiver o vosso tesouro,**

**aí estará também o vosso coração.**

**Tende os rins cingidos e as lâmpadas acesas.**

**Sede como homens**

**que esperam o seu senhor voltar do casamento,**

**para lhe abrirem logo a porta, quando chegar e bater.**

**Felizes esses servos, que o senhor, ao chegar,**

**encontrar vigilantes.**

**Em verdade vos digo:**

**cingir-se-á e mandará que se sentem à mesa**

**e, passando diante deles, os servirá.**

**Se vier à meia-noite ou de madrugada,**

**felizes serão se assim os encontrar.**

**Compreendei isto:**

**se o dono da casa soubesse a que hora viria o ladrão,**

**não o deixaria arrombar a sua casa.**

**Estai vós também preparados,**

porque na hora em que não pensais virá o Filho do homem».

Disse Pedro a Jesus:  
«Senhor, é para nós que dizes esta parábola, ou também para todos os outros?»

O Senhor respondeu:  
«Quem é o administrador fiel e prudente que o senhor estabelecerá à frente da sua casa, para dar devidamente a cada um a sua ração de trigo? Feliz o servo a quem o senhor, ao chegar, encontrar assim ocupado. Em verdade vos digo que o porá à frente de todos os seus bens. Mas se aquele servo disser consigo mesmo: ‘o meu senhor tarda em vir’; e começar a bater em servos e servas, a comer, a beber e a embriagar-se, o senhor daquele servo chegará no dia em que menos espera e a horas que ele não sabe; ele o expulsará e fará que tenha a sorte dos infiéis. O servo que, conhecendo a vontade do seu senhor, não se preparou ou não cumpriu a sua vontade, levará muitas vergastadas. Aquele, porém, que, sem a conhecer, tenha feito ações que mereçam vergastadas, levará apenas algumas. A quem muito foi dado, muito será exigido; a quem muito foi confiado, mais se lhe pedirá».

## CONTEXTO

Jesus, acompanhado pelos discípulos, dirige-se para Jerusalém. Vai confrontar as autoridades judaicas da capital. Está consciente de que os líderes judaicos não estão disponíveis para acolher a Boa Notícia do Reino de Deus. Conhecendo a sorte habitual dos profetas, perseguidos e assassinados por causa da sua fidelidade a Deus, Jesus adivinha aquilo que o espera em Jerusalém. A sombra da cruz paira sobre todo o caminho.

Jesus aproveita a viagem para ir preparando os discípulos, ensinando-os a funcionar segundo a lógica do Reino de Deus. Eles deverão, após a morte de Jesus, ser os arautos da salvação de Deus em todos os lugares do mundo aonde a vida os levar. A missão que o Pai confiou a Jesus ficará, então, na mão dos discípulos; e eles devem estar preparados para a concretizar.

A viagem para Jerusalém torna-se, mais do que uma viagem geográfica, uma “viagem” de amadurecimento espiritual, de aprendizagem na “escola de Jesus”. Ao longo do caminho, Jesus vai deixando aos discípulos as mais diversas lições. À medida que se aproximam de Jerusalém, os discípulos vão “despindo” as suas visões pessoais, as suas ilusões e projetos egoístas, os seus sonhos de grandeza e poder, para “vestir” os valores de Jesus.

Lucas reuniu, neste relato de “viagem” materiais muito diversos e que noutros evangelhos aparecem ligados a outros ambientes e situações. A diversidade de materiais, por vezes artificialmente colados uns aos outros, é evidente. Os temas sucedem-se: o texto assume, por vezes, o aspeto de uma coleção de “ditos” ou máximas sapienciais, apresentados segundo o modelo do paralelismo judaico. Isso está bem evidente no texto que a liturgia nos propõe neste domingo. *in Dehonianos*.

## INTERPELAÇÕES

- Vivemos numa época da história particularmente exigente. Sombras escuras pairam no horizonte e ameaçam o futuro do nosso mundo: as guerras, as injustiças, a crise climática, o atropelo dos mais elementares direitos humanos, as políticas que ignoram as necessidades dos mais desfavorecidos, a indiferença face ao sofrimento das pessoas abandonadas nas bermas da sociedade, a desumanização dos homens transformados em simples máquinas de produção ao serviço dos interesses materialistas dos senhores do mundo, o desencanto de tantos homens e mulheres que não encontram sentido para as suas vidas... Poderemos cruzar os braços, assumir uma atitude de resignação e de passividade e deixar que o mundo continue a ser construído sobre injustiças e sofrimentos? Jesus convida os seus discípulos a estar preparados, a cada instante, para fazer aquilo

que Deus lhes pede para fazer. É hora de viver com responsabilidade e lucidez, sentindo-nos construtores de uma nova história e imprimindo ao nosso mundo um dinamismo de amor, de vida nova, de misericórdia, de compaixão. Como vivemos? Adormecidos e despreocupados, comodamente instalados no nosso conforto e segurança, ou como servidores humildes, atentos e comprometidos do Reino de Deus e da sua justiça?

- Também na forma de viver a fé pode haver passividade, resignação, superficialidade. Podemos instalar-nos numa fé rotineira, que nos leva a repetir sempre os mesmos gestos, as mesmas orações, os mesmos ritos, as mesmas tradições, mas que não tem qualquer impacto na nossa vida e no nosso compromisso com a construção do Reino de Deus; podemos andar tão ocupados com os nossos trabalhos que não conseguimos encontrar tempo para escutar Deus, para dialogar com Ele, para tentar perceber os projetos que Ele tem para nós e para o mundo; podemos instalar-nos comodamente numa prática religiosa “morna” e de “meias tintas”, que nos tranquiliza a consciência e nos faz sentir “em regra” com Deus, mas não nos leva a “sujar as mãos” com os nossos irmãos que necessitam do nosso cuidado, da nossa compaixão, do nosso amor. A nossa forma de viver a fé é marcada pela passividade e pelo conformismo, ou pelo compromisso com Deus e com os irmãos? Vivemos a nossa adesão a Cristo e à Igreja de forma ativa, lúcida e responsável? Somos meros “consumidores” de atos de culto, ou discípulos comprometidos com a construção de uma Igreja viva, missionária, fraterna, acolhedora, sinal e anúncio do amor de Deus no mundo?
- Aos discípulos que vão com Ele no caminho para Jerusalém, Jesus diz: “Não temas, pequenino rebanho, porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o Reino”. Aquele grupo de galileus que ia atrás de Jesus era, de facto, um grupo pequeno, aparentemente incapaz de interferir nos mecanismos de poder e de “causar mocha” nos interesses instalados; aqueles discípulos que Jesus tinha chamado não tinham perfil de influenciadores da opinião pública ou de figuras capazes de impor modas ou tendências. No entanto, Deus confiou-lhes o testemunho e a construção do Reino de Deus. Hoje, depois de séculos de “regime cristão”, nós, discípulos de Jesus, sentimo-nos uma minoria sem privilégios nem poder, um pouco perdidos num mundo que nem sempre entende a proposta que abraçamos. Por vezes, sentimos nostalgia dos tempos passados, quando a Igreja era uma força social reverenciada pelos grandes do mundo. Estamos pior agora? Não. Estamos melhor: livres de compromissos com o poder, podemos testemunhar o Evangelho de Jesus sem amarras nem cedências. O Evangelho não se impõe pela força. A nossa missão é viver ao estilo de Jesus, com simplicidade, contagiando o mundo; a nossa missão é sermos fermento que ninguém vê, mas que transforma e melhora o pão. Mesmo em minoria, mesmo lidando com a hostilidade e a incompreensão, dispomo-nos a testemunhar, com simplicidade e sem medo, o Evangelho de Jesus?
- Jesus tinha uma ideia muito clara sobre o mal que o dinheiro pode fazer ao homem. Por isso dizia aos seus discípulos: “vendei o que possuíis e dai-o em esmola. Fazei bolsas que não envelheçam, um tesouro inesgotável nos Céus, onde o ladrão não chega nem a traça rói. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”. O dinheiro, uma vez que pode oferecer-nos segurança, bem-estar, importância social, prende o nosso coração e torna-se um “deus”; passamos a correr atrás dele, sentindo a necessidade de ter sempre mais e mais. Escravos do dinheiro, acabamos por subalternizar todos os outros valores. Tornamo-nos insensíveis à sorte dos homens e mulheres que caminham connosco, até mesmo da nossa família e amigos. Ignoramos o convite de Deus para sermos solidários, fraternos, misericordiosos, humanos; e fechamo-nos num egoísmo que seca e destrói toda a nossa vida. Como lidamos com os bens materiais? A cobiça, a ambição, a avareza, alguma vez nos impediram de acolher os valores do Reino de Deus? Vivendo no meio de uma sociedade que tem o coração posto nos bens materiais, somos capazes de dar testemunho de uma vida mais austera, mais simples, mais desprendida, mais fraterna, mais solidária?
- As palavras de Jesus que o Evangelho deste domingo nos trouxe contêm uma interpelação especial a todos aqueles que desempenham funções de responsabilidade, quer na Igreja, quer no governo central do país, quer nas autarquias, quer nas empresas, quer nas repartições... Convida cada um a assumir as suas responsabilidades e a desempenhar, com atenção e empenho as funções que lhe foram confiadas. A todos aqueles a quem foi confiado o serviço da autoridade, a Palavra de Deus pergunta sobre o modo como se comportam: como servos que, com humildade e simplicidade cumprem as tarefas que lhes foram confiadas, ou como ditadores que manipulam os outros e que tratam com prepotência os pequenos e os humildes? Sempre que nos são confiadas tarefas de responsabilidade e de coordenação, entendemos a missão que nos foi confiada como serviço e acolhemos as pessoas com delicadeza, com doçura, com compaixão? *in Dehonianos*.

**Para os leitores:**

A brevidade da **primeira leitura** não pode permitir que se descure a sua preparação e reclama um especial cuidado nas frases longas e com diversas orações para uma articulada e assertiva proclamação do texto.

A **segunda leitura** possui um tom narrativo que oferece ritmo à leitura e que deve ser aproveitado para uma proclamação mais eficaz e frutuosa. A expressão «pela fé», repetidas várias vezes ao longo do texto, deve ser proclamada de tal modo que se sinta a força do testemunho de quantos se deixam guiar e conduzir pela fé.

**I Leitura: (ver anexo)**

**II Leitura: (ver anexo)**